



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LUANA SOARES DO AMARAL

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-426

Entrevistada: Luana Soares do Amaral

Nascimento: 04/09/2001

Local da entrevista: Câmara Municipal de Vereadores - Pelotas

Entrevistadoras: Pamela Siqueira Joras e Suélen de Souza Andres

Data da entrevista: 30/05/2014

Transcrição: Eliana Ribeiro de Freitas

Copidesque: Suélen de Souza Andres

Pesquisa: Eliana Ribeiro de Freitas e Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 13 minutos e 47 segundos

Páginas Digitadas: 8

Observações:

Entrevista produzida para o *Programa Futebol e Mulheres* desenvolvido pelo Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO)

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Início no futebol; Transição da escola para escolinha esportiva; Incentivo da família; Esporte Clube Pelotas; Campeonatos; Proibições em campeonatos; Dificuldades; Preconceitos; Convocação para seleção; Patrocínio; Referências no futebol.

Porto Alegre, 30 de maio de 2014. Entrevista com Luana Soares do Amaral a cargo das pesquisadoras Suélen de Souza Andres e Pamela Siqueira Joras para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

P.J. – Primeiramente, nós gostaríamos de te agradecer pela colaboração em nos conceder esta entrevista. Gostaria que tu iniciasses nos contando como tu começou no esporte?

L.S. – Eu estava na praia jogando com meu irmão, eu tinha uns quatro ou cinco anos de idade. Chegou um senhor e perguntou para o meu pai se eu era filha dele. Meu pai disse que sim. Então esse senhor falou que eu tinha muito potencial e que era melhor o meu pai prestar mais atenção em mim porque eu teria futuro no futebol. Depois desse dia, eu comecei a jogar, comecei no Gonzaga¹, lá eu ganhei bolsa de estudos para jogar. Depois joguei no Paulista², fui para a escolinha do Pelotas³ e hoje estou jogando no campo.

P.J. – Quando tu eras pequena e jogava com teu irmão, onde vocês jogavam?

L.S. – Eu ia para um clube que eu era associada. Jogava futebol sete⁴.

P.J. – E tu jogavas entre meninas, entre meninos, como era?

L.S. – Eu era a única menina. [risos]

P.J. – E como era a relação deles contigo? Como tu foste recebida no grupo?

L.S. – A maioria não gostava que eu jogasse porque eles não gostavam de ser *humilhados* por uma menina. Mas eu sempre joguei entre os meninos.

P.J. – E quando tu saíste do espaço informal e foi para uma escolinha. Como foi essa transição, tu que procurou ou foi um incentivo de alguém?

¹ Colégio Gonzaga.

² Paulista Futebol Clube.

³ Esporte Clube Pelotas.

⁴ Também conhecido como futebol Society.

L.S. – Meu pai. Ele sempre correu atrás de tudo que eu queria. E até hoje ele corre atrás de tudo que eu peço.

P.J. – E a tua família, como via esse teu contato com o futebol?

L.S. – Meu pai sempre diz que o que eu quero ele nunca vai me sufocar. Nunca vou ter que fazer algo que eu não queira, só porque minha família quer. Eu farei minhas escolhas e é indiferente. Eu sempre tive o apoio da minha família.

P.J. – Quando tu chegaste à escolinha, como era o treinamento, como era a turma, como tu te sentiu?

L.S. – Eu tinha uns sete anos de idade. Foi a realização de um sonho. Pois depois de muito tempo gostando, só brincando, virou um *hobby* muito legal e muito importante na minha vida.

P.J. – E essa tua primeira escolinha, tu jogavas com meninas?

L.S. – Na primeira escolinha jogava com meninos.

P.J. – E tu competias junto com eles em campeonatos?

L.S. – Sim.

P.J. – E nesses campeonatos tu eras aceita para jogar com os meninos?

L.S. – Alguns sim e em outros não. Eles tinham muito medo do contato físico e as chegadas violentas.

P.J. – Mas, era a organização dos campeonatos que não permitia ou eram as outras equipes?

L.S. – A organização dos campeonatos e também a maioria das equipes não concordava que eu participasse, com a justificativa de que eu poderia me machucar.

S.A. – E quando tu jogavas como eram as reações?

L.S. – Os comentários eram: “Nossa, aquela menina joga muito”; “Meus Deus, como os guris não queriam que ela jogasse?”; “Eles que não tocam na bola. Ela toca mais que eles”. E foi impressionante para todos.

P.J. – E quando tu saíste dessa escolinha, tu lembra para qual foste?

L.S. – Fui para o Paulista e lá eu disputava torneios também. Era a organização do Paulista. Era mirim, pré-mirim, os maiores e eu nunca vou esquecer, era escolhido por cores e foi muito bom.

P.J. – E depois para onde tu foste?

L.S. – Fui para escolinha do Pelotas. Essa foi a primeira escolinha feminina que eu joguei, no ano de 2012.

P.J. – Tu lembra quais competições que tu participaste pelo Pelotas?

L.S. – Com o Pelotas foram só amistosos. A gente jogou um contra o Mario Quintana⁵ só. O Mário Quintana não queria jogar de novo contra a nossa equipe. O Marcos⁶ até gostaria que nós jogássemos novamente, mas elas realmente não queriam.

S.A. – Tu jogaste praticamente três anos com meninos?

L.S. – Eu entrei no Gonzaga no ano de 2008, fiquei até o ano de 2012. É, joguei durante quatro anos apenas com meninos.

⁵ Escola de Ensino Médio Mário Quintana

S.A. – Quando tu fizeste essa mudança, depois de quatro anos jogando com meninos tu foste para o Pelotas que era um time de meninas, tu percebeu alguma diferença?

L.S. – Percebi. Por incrível que pareça, com as meninas foi muito mais difícil do que com os guris. Quando eu entrei na escolinha do Pelotas elas eram e são até hoje, nunca deixarão de ser, melhores que os guris.

S.A. – Tu quer dizer então, que em relação à técnica elas eram melhores que os guris. Por isso sentiste maior dificuldade?

L.S. – Sim.

P.J. – Como foi a tua convocação para a seleção?

L.S. – O Marcos avisou a toda a equipe do Pelotas que teria uma peneira para a convocação para a CBF⁷. O meu pai falou que eu não tinha idade e que iria lá só para brincar, mas que quando eu estivesse lá, para brincar, era para dar meu máximo.

P.J. – Quando foi isso?

L.S. – Foi no ano passado. Eu tinha 11 anos, era a segunda menina mais jovem a ser convocada para a seleção. No outro dia, o Marcos não achou os dados e me ligou para saber meus dados. Nossa... Isso pra mim foi muito bom. Me emocionei demais.

P.J. – E como foi essa seleção?

L.S. – Muito bom. Experiência nova. Todo mundo que joga quer. Nossa, é muito bom.

S.A. – Como funcionou? Tu foste até onde? Quantas meninas tinham? Como foi esse processo de peneira?

⁶ Marcos Planela Barbosa.

L.S. – Na peneira tinham 79 meninas, eu fiz duas peneiras: Sub-15 e Sub-17, não sei como, mas eu fui melhor que no Sub-15. Faltava uma menina pro Sub-17 e eu joguei, estava muito cansada. O Marcos disse que eu iria entrar e iria arrebentar. Eu nem acreditei, fiz até um gol.

S.A. – Essa peneira aconteceu onde, aqui? Ou tu viajaste para outro lugar?

L.S. – Foi aqui em Pelotas. O pessoal de Brasília veio para a seletiva.

P.J. – Tinham muitas meninas de fora?

L.S. – Muitas. Veio uma excursão de meninas de fora.

P.J. – Durante a tua trajetória no futebol, tiveste alguma dificuldade para jogar?

L.S. – Para jogar, que eu me lembre, não. Mas, eu sofri muito com preconceito. E pra mim foi muito difícil passar por isso.

S.A. – Em que sentido?

L.S. – “Tu não vai jogar porque é menina.”; “Tu nunca vai ganhar de nós.” Esse tipo de coisa.

P.J. – Quem agia assim, os torcedores, jogadoras...

L.S. – Eram os meninos e até os treinadores deles.

P.J. – Dos teus treinadores não?

L.S. – Não, eles sempre me apoiaram.

⁷ Confederação Brasileira de Futebol.

P.J. – Tu lembras se tu já recebeste alguma ajuda de custo ou um salário para jogar?

L.S. – Não recebi.

P.J. – Nem agora?

L.S. – Agora vou receber por patrocinador individual.

P.J. – Em relação a tua convocação para a seleção, também não recebeste nada?

L.S. – Deram um salário sim. Mas foi pelo tempo que ficamos lá.

P.J. – Tu falaste em patrocinador, esse patrocinador é do clube ou é teu patrocinador?

L.S. – É meu patrocinador.

P.J. – É teu pai que agencia para ti?

L.S. – É. Meu pai e minha mãe estão procurando ainda. No entanto, ainda não achamos.

P.J. – Tu não tens empresário então?

L.S. – Não. Provavelmente será meu irmão.

S.A. – Qual a idade do seu irmão?

L.S. – 20 anos de idade.

P.J. – Há algum fato que tenha marcado na tua trajetória?

L.S. – A ida para a CBF, a entrada no esporte pelo Pelotas, foi muito bom.

P.J. – E tem algo negativo que tenha marcado?

L.S. – Negativo, não.

P.J. – Qual o teu maior sonho dentro do futebol?

L.S. – A realização do meu sonho no futebol é voltar para a seleção, me dedicar mais, futuramente me tornar profissional e ajudar a minha família.

S.A. – O que é para ti se tornar profissional?

L.S. – Pra mim é jogar em um time grande ou pequeno tanto faz. No entanto com a intenção de jogar, isso que importa para mim.

P.J. – Tem alguma coisa no futebol que tu gostarias de melhorar, ou gostaria que melhorasse?

L.S. – Acho que não.

P.J. – Tu tens algum ídolo no futebol, se inspirou em alguém para jogar?

L.S. – Sim. O meu pai sempre disse para meu irmão mostrar o vídeo do D'Alessandro⁸, jogador do Inter⁹. Para que eu me inspirasse nele pelo fato dele ser um ótimo jogador. Para aprender as jogadas que ele faz.

P.J. – Dentro do futebol feminino, tem alguma jogadora em quem tu te inspiras?

L.S. – Na Marta¹⁰.

P.J. – Há alguma coisa que nós não perguntamos que tu gostarias de compartilhar conosco?

⁸ Andrés Nicolás D'Alessandro.

⁹ Sport Club Internacional.

¹⁰ Marta Vieira da Silva.

L.S. – Acho que não. [risos]

P.J. – Te agradeço mais uma vez. Se lembrares de alguma coisa e quiseres nos contar nos procure. Colocamos também o Centro de Memória a tua disposição. Obrigada.

L.S. – Eu que agradeço.

[FINAL DA ENTREVISTA]